

CRIME PASSIONAL NA RUA CONSELHEIRO MAFRA, N.º 10

Jesuino Amante de Oliveira, comerciário, 26 anos, foi assassinado a tiros, ontem, às 14h30m, por Hermógenes de Azevedo, viajante farmacêutico, 51 anos, na moradia deste último, na rua Conselheiro Mafra número 10, segundo andar. O motivo do crime deveu-se ao fato de que Hermógenes descobriu, através de uma carta anônima, que sua mulher, Claribela Nunes de Azevedo, 35 anos, vinha mantendo relações amorosas com Jesuino, que trabalhava como gerente e balconista na loja de tecidos “A Oriental”, de propriedade de Tuffi Salum, localizada no térreo do sobrado onde o casal residia. De acordo com informações colhidas pela nossa reportagem, dava na vista o caso entre os amantes. Como sempre acontece, o marido foi o último a saber. Mas, ao tomar conhecimento do fato, passou a espancar a esposa, quando Jesuino – que ouviu o tumulto – surgiu para defender a amada e acabou alvejado por Hermógenes, com três tiros disparados por um revólver, calibre 38. Levado às pressas para o Hospital de Caridade, Jesuino não resistiu aos ferimentos e veio a falecer logo em seguida. O assassino foi preso em flagrante.

Na modorrenta manhã de março Jesuino está encostado na porta da loja onde trabalha, conjecturando que este decerto vai ser mais um dia monótono igual a qualquer outro, quando um táxi preto, Buick 1946, estaciona à sua frente e um casal desembarca, ele um tipo grandalhão, ar de rinoceronte, suarento e mal-encarado, trajando um amarrotado terno branco e chapéu panamá, ao contrário dela, uma sorridente, bonita e bem vestida mulher, exalando uma suave fragrância Palmolive, com suas sobrancelhas felinas, seios fartos, ancas de violão e nádegas vistosas (realçadas pela saia justa), os cabelos presos num turbante branco, contrastando com a pele morena. Ali ficam, enquanto o motorista retira a bagagem, Jesuino fixado na enfeitiçante presença feminina, que se enquadra *in totum* ao seu gosto e desejo. Ainda parada, ela contempla-o numa fâisca de segundo que tem a intensidade de um raio. Mas logo o encanto é quebrado pela voz grosseira do marido, dizendo: anda Claribela, o que você está esperando? Quando o casal está entrando no sobrado, ela, mais uma vez, procura-o com os seus faiscentes olhos negros.

Jesuino na porta da loja me vendo saltar do táxi e eu logo percebendo que ele estava de olho em mim, mas aí baixou o rosto com aquele jeito tímido que depois eu ia tanto gostar. Então me dirigi com Hermógenes para a escada, enquanto Jesuino continuava me observando, no mesmo momento em

que eu, novamente, quase sem querer, dei mais uma espiada nele, acho que por que também me senti logo atraída pela sua aparência, um rapaz alto, magro, com os cabelos crespos e belas feições e é por isso que a gente, comentando esse primeiro encontro, costumava dizer que tinha sido amor à primeira vista, pois já nos vimos, já nos amamos.

Passaram-se alguns dias e Claribela e Jesuino continuaram a trocar olhares, que logo se transformaram em cumprimentos formais. Até que, numa ensolarada e quente manhã, Claribela apareceu na loja (num momento em que não havia mais ninguém, além de Jesuino e das duas outras balconistas), atrás de um tecido de cor indefinível, e ele mesmo fez questão de atendê-la, sendo obrigado a mostrar pilhas de rolos de fazenda, tarefa, entretanto, que aceitou com agitada solicitude, chamando a atenção de Glorinha e Maria José, as colegas, que se cutucavam entre cochichos e risinhos. Até que achou a cor desejada, que, na verdade, não passava de um trivial azul-turquesa. Daí em diante evoluíram para sorrisos e amabilidades quando se encontravam (se ela estivesse desacompanhada).

Cada vez que nos cruzávamos, eu ficava toda eriçada, como se um vento gélido percorresse todo o meu corpo. Mas não podia deixar Hermógenes desconfiar dessas minhas sensações e quando saíamos juntos e passávamos por Jesuino (que gostava muito de ficar na porta da loja vendo o movimento) eu desviava o olhar, apesar de sentir uma dor no coração.

Aconteceu, então, que certa manhã, logo depois de abrir a loja, Jesuino deparou-se com o casal na frente do prédio, ele colocando malas no bagageiro de um Chevrolet 1948 e dizendo para Claribela: devo ficar umas duas semanas fora, pois vou percorrer todo o Vale do Itajaí e com essas estradas catarinenses horríveis não sei em quanto tempo termino o trabalho. Se houver algum problema ligue para o Santos que ele resolve. Beijou a esposa, embarcou e partiu. Logo que o automóvel afastou-se, Claribela e Jesuino cumprimentaram-se, mas ela imediatamente virou as costas, pois ainda estava com trajes de dormir, apenas um manto por cima da camisola, os cabelos negros soltos até os ombros. Mesmo assim, ele achou-a extremamente atraente.

Esse momento não estava nos meus planos. Com roupa quase íntima, fui me despedir de Hermógenes e dou de cara com Jesuino. Envergonhada, corri para dentro.

Sabendo que Claribela permanecia sozinha na parte de cima do sobrado, Jesuino começou a ficar tão inquieto quanto um leão esfomeado. Deveria procurá-la? Não, não teria coragem, o covarde. Só se ela tomasse a iniciativa, mas é claro que ela não faria isso, afinal é uma mulher casada. Mas os seus olhares, para mim, sempre cheios de brilho e desejo, o que significarão? E continuou atormentando-se por alguns dias, o tempo passando. Uma tarde Claribela entrou na loja, deixando-o ainda mais agitado. Havia, entretanto, outros fregueses e ela apenas comprou alguns retalhos e logo se retirou.

Aqueles dias foram também de tormento para mim. Meus pensamentos fervilhavam como uma chaleira quente. Tinha vontade de procurar Jesuino, mas não sabia o que dizer e o que ele iria pensar de mim. Meu casamento sempre foi monótono e sem graça, mas nunca trai Hermógenes. A verdade é que amor mesmo por ele jamais senti. Em Niterói, onde nasci e passei a infância e juventude, tive um namorado de quem muito gostei (e com ele perdi a virgindade), que me trocou por outra. Acabei me casando com Hermógenes aos 18 anos mais para satisfazer a família, pois ele já tinha uma boa situação financeira. Depois, devido à profissão de Hermógenes, moramos em diversas capitais brasileiras, até que viemos para Florianópolis. Não pude ter filhos e fui levando a vida assim mesmo. Hermógenes é um sujeito grosso e mal-educado, mas sempre me deu tudo o que eu quis, conforto, boas roupas, jóias e eu não tinha do que reclamar. Até conhecer Jesuino, que me virou a cabeça.

Então uma luz acendeu-se na mente de Jesuino. Ele decidiu, num ato de ousadia, escrever uma poesia e enviar para Claribela. Duas coisas ela poderia fazer: rasgar o poema e jogá-lo em sua cara, ou aceitá-lo. Mas o impasse, pelo menos, terminaria.

(o poema)

**Teus olhos negros
Me encantaram**

**Teus lábios sedutores
Me enfeitiçaram.**

**Nada mais penso na vida
A não ser na tua
Inebriante presença,
Na tua voz aveludada.**

**Este ansioso desejo
Só descansará
Quando eu desbravar
O teu corpo nu e moreno.**

Num fim de tarde, Jesuino fechava a loja, com as portas de ferro já semicerradas, quando, de repente, deparou-se com Claribela à sua frente. Fixaram-se por alguns minutos, os olhos em chamas e, impelidos por uma força autônoma, seus corpos enlaçaram-se, os lábios colando-se com avidez.

Na mesma noite, Claribela recebeu Jesuino em seu quarto e amaram-se, com inaudito furor, até o dia nascer.

Não deu para evitar, a atração foi forte demais e eu, no momento em que provei o gosto dos seus lábios e senti a sua vigorosa ereção encontrando o meu sexo úmido, me senti enfeitiçada. Ainda mais considerando que eu só mantinha relações com Hermógenes por obrigação de esposa, sem o menor prazer. Então, naquela noite, quando fiz amor com Jesuino pela primeira vez – , que, apesar da sua timidez, era um tigre na cama – tive a sensação de que a minha vida começava de novo.

Durante o resto da semana, Claribela e Jesuino continuaram a se dedicar a fervorosas noites de amor. Até que Hermógenes retornou de sua viagem e eles foram obrigados a se evitar por mais de um mês, com exceção de algumas idas de Claribela à loja, onde, furtivamente, davam-se as mãos e trocavam bilhetes. Mas, numa dessas vezes, Glorinha, surpreendeu-os aos sussurros e pequenas carícias. Jesuino, percebendo o olhar acusador da colega, tentou, mais tarde, convencê-la a guardar segredo, oferecendo-lhe alguns favorecimentos. Não há segredo que fique oculto por muito tempo, porém, e a história espalhou-se. O caso amoroso começou a ser comentado pelas comadres da vizinhança, até chegar às casas comerciais das imediações.

Algum tempo depois, Hermógenes voltou a viajar, permanecendo quase um mês no interior do estado. E, dessa vez, olhos vigilantes, por detrás de cortinas, seguiam os passos de Jesuino e a movimentação no sobrado, já denominado de “ninho do amor.”

Dois dias após o seu retorno, uma quarta-feira de julho de 1951, pouco antes das duas da tarde, Hermógenes dorminhocava na sala de estar de sua casa quando recebeu uma carta anônima. Começou a ler com calma e, pouco a pouco, foi empalidecendo. A carta revelava todo o caso amoroso de sua esposa, Claribela, com Jesuino, o gerente de ‘A Oriental’, entrando em detalhes como “luzes acesas até a madrugada,” horário das chegadas e saídas de Jesuino no “ninho de amor”, os encontros na loja e até colóquios (fantasiosos) no jardim da Praça XV.

Depois de ler a carta, Hermógenes ficou possesso e, aos berros, cobrou explicações. Aí é que percebi como existe gente maldosa nesta cidade, pois nunca imaginei que estivesse sendo observada dessa maneira. Como eu não pudesse dizer nada para me defender, decidi confessar que amava Jesuino e que desejava me separar. Ele ficou ainda mais furioso e passou a me agredir. Comecei a gritar, enquanto tentava fugir, vasos, cadeiras e abajures caindo no chão. De repente, entra Jesuino e atraca-se com Hermógenes. Mas este, homem forte e encorpado, dá um violento soco em Jesuino, que cai para o outro lado. Nesse momento, Hermógenes abre uma gaveta, de onde tira um revólver, e dispara vários tiros em Jesuino, para o meu desespero.

Após os tiros tudo ficou uma loucura e as minhas lembranças são confusas. Sei que entrou um monte de gente, agarraram Hermógenes, que derrubou alguns e ainda tentou fugir, mas, logo em seguida, chegaram três policiais e ele foi preso, enquanto eu acudia Jesuino. Mas seus olhos abertos já não se mexiam, parados num ponto só, um filete de sangue descendo pela boca. Fui levada para um hospital em estado de choque.

Jesuino foi sepultado na manhã do dia seguinte, na presença de Tuffi Salum, o proprietário de “A Oriental”, além de Glorinha e Maria José, e de alguns amigos da rua Conselheiro Mafra. Seus pais e cinco irmãos, que moravam em São Francisco do Sul (onde Jesuino nasceu), não chegaram a tempo. Claribela, por razões óbvias, também não compareceu ao funeral.

(Do livro “A Garota de Programa de Outras Mulheres”, Editora Insular, 2007.)

